

Política

FILIAÇÃO PARTIDÁRIA

Eles são políticos de um partido só

Eles decidiram ingressar na militância política, escolheram um partido, se elegeram e, mesmo durante o período no qual não havia problema em mudar constantemente de partido, continuam até hoje fiéis à opção inicial.

Os deputados Claudio Vereza (PT) e Sérgio Borges (PMDB), e o vereador de Vitória Namy Chequer (PCdoB) fazem parte desse grupo e não escondem o orgulho ao lembrarem o que passaram durante os mais de 30 anos de filiação em uma mesma legenda.

“Eu estou no PCdoB desde 1977, ou seja, há 35 anos. Quando me filiei, o partido era ilegal. Fiquei por oito anos militando na clandestinidade”, afirmou o vereador.

No quarto mandato, deixa claro que sempre viu a sigla perseguida. “O preconceito é muito grande e o partido sempre foi discriminado”, afirmou, ao mostrar foto com o líder da sigla, João Amazonas.

Já a história do deputado Sérgio Borges se confunde com a trajetória do PMDB no Estado, ou do MDB, partido que lhe deu origem. Ele nunca deixou a sigla.

“Tive o prazer de me reunir com

Tancredo Neves na casa de papai (Hugo Borges), em Guarapari. Estavam todos os caciques do PMDB e queria mostrar que, como as Diretas Já, poderíamos alcançar a democracia. Foi em 1981, tinha 32 anos”, explicou o parlamentar.

Vereza, por sua vez, faz parte de uma das bancadas que menos perdeu membros nos últimos anos: o PT. Sua história no partido soma 33 anos. “O processo de eleição da presidência da Mesa Diretora da Assembleia, em 2003, foi decisivamente marcante na minha vida pessoal como militante do partido e teve intensa participação popular. Diria que foi o ápice da minha militância, quando fui eleito”.

Vantagens de fazer parte de uma única sigla, eles têm na ponta da língua: manter uma linha programática e reforçar a legenda e a ideologia. Como desvantagens apontam, muitas vezes, a abdicação da vida pessoal pela partidária.

Também pensam acreditam que mudanças excessivas de partidos fragilizam as legendas. “É muito difícil ter governabilidade no sistema que não tem partidos fortes”, afirmou Vereza.



JUSSARA MARTINS



ARQUIVO A TRIBUNA

SÉRGIO BORGES, em 1991: mais de 30 anos no PMDB



ARQUIVO PESSOAL

CLAUDIO VEREZA, em 1986: 33 anos de fidelidade ao PT



ARQUIVO PESSOAL

NAMY E JOÃO AMAZONAS: há 35 anos vereador está no PCdoB

HISTÓRIAS LIGADAS AOS PARTIDOS

FERNANDO RIBEIRO - 30/04/2010



Destaque nacional

O governador Renato Casagrande é figura carimbada no PSB, dentro e fora do Estado. Ele ocupa o posto de secretário nacional da sigla.

Segundo sua assessoria de imprensa, ele não esteve filiado a nenhum outro partido antes de ingressar no ninho socialista.

“Eu tenho identidade com o meu partido e com o programa. Tenho reciprocidade das lideranças socialistas. Isso faz com que a gente possa ficar muito tempo”, justificou.

FALA, LEITOR!



“Eu não votaria em uma pessoa que mudou muito de partido. Mostra que não tem raízes e muda facilmente de opinião”

EMANUELLE REIS, 28 anos, téc. de edificações



“Fica complicado acompanhar a trajetória de uma pessoa que muda muito de partido. Eles arrumam confusão e trocam”

MARCELA SIQUEIRA, 31, aux. de serviços gerais



“Eu não votaria em um político que já foi filiado em vários partidos diferentes. Como eu posso confiar em uma pessoa assim?”

IRACEMA CARVALHO, 24, aux. serviços gerais



“Votar em uma pessoa que muda muito de partido, para mim, é complicado. A mudança pode acontecer por puro interesse”

MAXSUEL GONZAGA, 28, consultor de vendas

ADRIANO HORTA - 27/07/2013



Militante por 84 anos

Presidente de honra do PPS, Antônio Granja é o mais antigo militante do Estado. Ingressou na política com 16 anos e este ano acaba de completar 100. Ele foi um dos fundadores do antigo Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partidão.

Por opção política, passou 27 anos como refugiado em diversos estados diferentes. Para não ser morto, chegou a mudar de nome 42 vezes. Ele também foi eleito o vereador mais votado de Cariacica em 1934.

ARQUIVO PESSOAL



Espera no aeroporto

Foram cinco horas de espera para que o ex-prefeito da Serra Sérgio Vidigal (PDT) – na época, vereador –, pudesse conhecer o líder que o levou ao quadro pedetista, Leonel Brizola.

“Era 1989 e Brizola estava se candidatando à Presidência. Esperamos por mais de cinco horas no aeroporto. Brizola era muito envolvido e nós, quando somos novos, somos muito revolucionários. Fizemos uma bela festa na Praça Oito”, lembrou Vidigal.

ANÁLISE

“Pra quem está de fora parece uma dança das cadeiras”

Mauro Paiva,
professor
universitário
e cientista político



“Pra quem está de fora e não acompanha muito o processo político-partidário parece uma dança das cadeiras. Trocar de partido no Brasil se constitui numa prática muito comum, infelizmente.

Partido pressupõe ideologia e afinidade com o pensamento de um grupo determinado e que tem objetivos comuns.

Há algumas décadas vivíamos um sistema bipartidário onde apenas dois partidos participavam das eleições: MDB e Arena.

Os tempos mudaram e surgiu o sistema pluripartidário, com isso temos hoje muitos partidos que pa-

ra a cabeça do eleitor se constituem numa verdadeira sopa de letrinhas. É louvável e merece o nosso respeito aqueles políticos que são fiéis aos seus partidos e suas ideologias, sejam elas de ‘esquerda’ ou de ‘direita’.

Mas, convenhamos: se a política é a arte da articulação e dos acordos, não é natural que ocorram mudança partidárias?

Mudar também pode ser inteligente, desde que não fuja aos princípios da política, que são a ética e o respeito aos cidadãos que elegeram os mandatários de cargos eletivos.”